

Historiografia Cognitiva experimental e a “virada científica”

: um conto preventivo

Thales Moreira Maia Silva

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
da Universidade de São Paulo

Lucas Soares dos Santos

Doutorando em História e Filosofia da Psicologia pelo Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora

Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos

Doutoranda em Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência pelo
Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São
Paulo

Resumo

O presente artigo oferece uma breve análise crítica da “virada científica” na escrita da História, partindo do exemplo particular da Historiografia Cognitiva. Para tanto, descreveremos o ambiente de desenvolvimento e recente redirecionamento parcial da Historiografia Cognitiva rumo a uma agenda experimentalista, ambicionando evidenciar como essa corrente específica do projeto cognitivo-historiográfico estaria ignorando as complexidades envolvidas no estabelecimento de um diálogo adequado entre a História e as Ciências Naturais. Com efeito, valendo-nos do contexto ilustrativo do estudo histórico das religiões, buscaremos demonstrar, inclusive, como tal agenda poderia implicar a obstrução das próprias metas fundacionais da Historiografia Cognitiva, ao se aproximar de uma conceituação essencialista, a-cultural e a-histórica de “religião”.

Palavras-chave Historiografia Cognitiva – Interdisciplinaridade – Ciências Cognitivas.

Submissão

23/02/2022

Aprovação

10/06/2022

Publicação

05/10/2023

Experimental Cognitive Historiography and the “Scientific Turn”: a Cautionary Tale

Abstract

The present article offers a brief critical analysis of the “scientific turn” in historiography from the particular example of Cognitive Historiography. To this end, we will describe the environment of development and recent partial redirection of Cognitive Historiography towards an experimentalist agenda, in order to demonstrate how this specific trend of the cognitive-historiographic project might be ignoring the complexities involved in the establishment of an adequate dialogue between History and the Natural Sciences. In fact, by resorting to the illustrative context of the historical study of religion, we will try to demonstrate how such agenda could even imply the obstruction of some of the very foundational goals of Cognitive Historiography, by dangerously approaching itself to an essentialist, acultural and ahistorical idea of “religion”.

Keywords Cognitive Historiography – Interdisciplinarity – Cognitive Science.

Historiografía Cognitiva experimental y el “giro científico”: una advertencia

Resumen

El presente artículo ofrece un breve análisis crítico del “giro científico” en la historiografía a través del ejemplo particular de la Historiografía Cognitiva. Con este fin, describiremos el entorno de desarrollo y reciente redirección parcial de la Historiografía Cognitiva hacia una agenda experimentalista, con el objetivo de demostrar cómo esta tendencia específica del proyecto cognitivo-historiográfico podría estar ignorando las complejidades que implica el establecimiento de un diálogo adecuado entre la Historia y las Ciencias Naturales. De hecho, recurriendo al contexto ilustrativo del estudio histórico de las religiones, intentaremos demostrar cómo dicha agenda podría incluso implicar la obstrucción de algunos de los objetivos fundamentales de la Historiografía Cognitiva, al acercarse peligrosamente a un idea esencialista, acultural y ahistórica de “religión”.

Palabras clave Historiografía Cognitiva – Interdisciplinariedad – Ciencia Cognitiva.

Introdução

Em termos gerais, internamente à chamada “virada científica” na escrita contemporânea da História,¹ a Historiografia Cognitiva pode ser entendida como uma forma específica de empreitada acadêmica, a qual visa levar em consideração o conhecimento das ciências cognitivas² na interpretação e explicação de eventos e processos históricos. Conforme o tradicionalmente concebido, em sua primeira década de existência, esse esforço se resumiu a uma cautelosa tentativa de se utilizar insights científico-cognitivos de maneira a orientar e beneficiar hermenêuticas historiográficas convencionais.³ Entretanto, com a virada do novo milênio, parte do projeto cognitivo-historiográfico passou a assumir um contorno distinto, embora inter-relacionado, o qual, no presente texto, ocupará o cerne de nossas atenções: a explícita incorporação de métodos e resultados experimentais científico-cognitivos na explanação daquelas complexas questões socioculturais pretéritas que tendem a permanecer marginalizadas pela historiografia “tradicional”.⁴

Com isso em mente, buscaremos oferecer uma brevíssima análise crítica da “virada científica” naquilo que tange às recentes particularidades da Historiografia Cognitiva, alegando que, apesar de heurísticamente bem-intencionada, a produção atual de muitos historiadores cognitivos parece ignorar as complexidades envolvidas no estabelecimento de um diálogo adequado entre o estudo do passado histórico humano e pesquisas experimentais advindas das Ciências Naturais, inadvertida e precipitadamente transpondo a contraditória dicotomia entre pares lógicos, tais quais “natureza vs. cultura” e “essência vs. contingência”, para a agenda cognitivo-historiográfica. Complementarmente, objetivar-se-á explicitar teoricamente como, no caso ilustrativo do estudo histórico das religiões, tal transposição ameaça implicar a obstrução das metas

1 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 77.

2 Alcinha genérica para um conjunto de esforços científicos interdisciplinares visando a compreensão da mente e sua relação com o cérebro, corpo e vivência humanos.

3 Cf. KAŠE, V. “Experimenty dějin: kognitivní historiografie mezi dějepiscectvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014.

4 Isto é, orientada primariamente para o trato hermenêutico de eventos e atores/ideais humanos como o principal meio de elucidação das fontes de mudanças históricas. Aqui, essa designação é tratada como um “tipo ideal”, sem implicar, com isso, qualquer dicotomia desenvolvimentista implícita entre conceitos tais como “tradicional vs. progressivo”. SILVA, T. “Simulando as ‘mentes passadas’: a Historiografia Cognitiva entre a História e as Ciências Cognitivas”. *Temporalidades — Revista de História*, v. 11, n. 3, p. 185-216, 2019b, p. 190-193.

fundacionais do discurso cognitivo-históriográfico ao, paradoxalmente, legitimar o próprio quadro epistêmico fenomenológico e a-histórico ao qual, a princípio, a Historiografia Cognitiva vigorosamente haveria de se opor. Em conclusão, intentaremos manifestar um “parecer provisório” a respeito daquilo que essa “falha em potencial” de parte do projeto cognitivo-históriográfico representaria para o cenário mais amplo da “virada científica” na historiografia contemporânea, destacando, nesse ínterim, seu possível valor como heurística preventiva para a, ainda incipiente, Historiografia Cognitiva nacional.

A “virada científica” como dissidência da “virada cultural”

Em um panorama relativamente recente das principais tendências historiográficas contemporâneas, a historiadora norte-americana Caroline Bynum observa que, nas últimas décadas, o cenário acadêmico sob influência direta da língua inglesa presenciou uma série de impactantes discussões acerca da “aplicabilidade daquilo que é genericamente conhecido como ‘teoria’ na pesquisa histórica”.⁵ Em seu texto, a autora constata que, em termos gerais, tais discussões se deslocaram daquilo que, outrora, representava uma preocupação inicial com a estrutura analítica ou paradigmática da teoria social para o, subsequente, trato de tópicos relativos ao ramo da teoria cultural (isto é, linguística/pós-estrutural).⁶ Todavia, segundo a conclusão fornecida por Bynum, essa “virada cultural” na escrita da História não parece ter produzido “nenhuma nova teoria ou teorização que tenha se alastrado unanimemente pelo campo — ou mesmo alterado expressivamente o intento de historiadores profissionais”.⁷ Com isso em mente, a autora identifica dois recentes e influentes padrões “dissidentes” de abordagem historiográfica que, na última década, emergiram desde tal contexto, aparentemente reconsiderando-o ou contrapondo-se a ele, ambos os quais podem ser caracterizados como compondo uma “virada científica” na disciplina.

5 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 73.

6 “Essa ‘virada cultural’ (ou linguística, pós-estruturalista e pós-moderna) é geralmente entendida como a alegação de que a linguagem não reflete o mundo, mas o precede e o torna inteligível ao construí-lo: em outras palavras, não existe um Universo objetivo independente da linguagem, assim como não há uma relação transparente entre a organização das dinâmicas sociais e a autocompreensão dos indivíduos”. BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009, p. 73.

7 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 74.

O primeiro entre tais padrões configura-se por meio de um “interesse renovado pela cultura material e artefatos físicos”,⁸ muito provavelmente, em consequência de uma crescente congruência entre a teoria arqueológica e o “paladar historiográfico” recente, além do progressivo desenvolvimento técnico dos métodos empregados pela Arqueologia. Em sua descrição, Bynum menciona, por exemplo, a utilização de metodologias tais quais a dendrocronologia,⁹ a zooarqueologia e a análises de emissões mineralógicas pela História Ambiental contemporânea. Por sua vez, o segundo modelo de interpelação reconhecido pela autora reflete pontualmente o recorte temático mais amplo do presente texto: um entusiasmo acadêmico explícito e científico-empiricamente orientado a respeito “daquilo que poderíamos chamar de estruturas profundas, representadas tanto pela expansão da [assim] denominada ‘Grande História/História Profunda’¹⁰ quanto pelo retorno do recurso a elucidações sociobiológicas e cognitivas para o comportamento humano”, frequentemente se baseando na análise da “repetição de certos padrões históricos ou em alegações acerca de uma [suposta] ‘natureza humana’ perene” — compondo uma historiografia que “parece se localizar em oposição ao sentido pós-moderno da escrita da História, conforme um exercício fragmentário, frágil e, por assim dizer, sob perpétua construção”.¹¹

Ecoando e ampliando temores populares de que a “virada cultural”, incongruentemente, faria a História conceber a “cultura” como determinística — tratando a “realidade manifesta” como um conjunto de símbolos que, terminantemente, definiria os indivíduos — e, mesmo assim, negaria aos estudiosos qualquer apreensão de um passado “objetivo” — uma vez que não existiria nada a ser apreendido, além dos símbolos linguísticos — o trabalho da grande maioria dos historiadores representantes desse segundo padrão de abordagens reflete e, aparentemente, festeja um novo momento de orientação da historiografia rumo às Ciências Naturais.¹² Por exemplo, em uma de suas célebres conferências acerca do “método historiográfico”, ministrada na Universidade de Oxford, ao se deparar com a,

8 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 77.

9 Metodologia científica para o estabelecimento da idade de determinados vegetais com base nos padrões dos anéis presentes em seus troncos/caules. SUTTON, M. *Archaeology: The Science of the Human Past*. London: Routledge, 2018. p. 248-264.

10 Termo utilizado para a designação de um ramo específico da escrita da História que leva em consideração o passado evolutivo distante da espécie humana.

11 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 77-78.

12 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 74.

metodologicamente ousada, questão da utilidade das ciências cognitivas (ou de qualquer outra disciplina científico-natural em particular) para a escrita da História, o historiador norte-americano John Gaddis, afirma que: “mais historiadores deveriam passar a rejeitar a atual e idiossincrática tendência relativista pós-estruturalista”.¹³ E que as pesquisas históricas modernas “necessitam se conciliar aos padrões de verificação já existentes internamente às ciências cognitivas, biológicas e sociais aplicadas”.¹⁴ Em seu apelo por uma “consiliência teórica” ou “integração conceitual” entre as Ciências Humanas e Naturais,¹⁵ Gaddis aponta, especificamente, para a proficuidade de um grupo de disciplinas, o qual não possui sua “atuação facilmente limitada por confinamentos laboratoriais”,¹⁶ mas cujas explanações permaneceriam, todavia, rigorosamente reprodutíveis: nomeadamente, as denominadas “ciências históricas”, tais quais a Paleoantropologia e a Biologia Evolutiva, particularmente quando mediadas por teorizações psicológico-evolucionistas acerca das concepções e comportamentos humanos.¹⁷

Complementarmente, um exemplo análogo e demasiadamente acentuado dessa forma de discurso pode ser encontrado na influente obra do historiador das religiões Luther Martin que, desde a década de 1990, vem advogando pela compreensão das interpelações científico-cognitivas como as mais promissoras dentre um conjunto de tendências acadêmicas naturalistas “capazes de transformar o amplo campo da ‘História Cultural’ em uma empreitada historiográfica cientificamente plausível”.¹⁸ Em uma de suas monografias mais recentes, ao justificar a urgência de seu posicionamento teórico-metodológico, Martin o contrapõe àquilo que acredita ser o *status quo* no estudo histórico das religiões:¹⁹ a “tendência pós-estruturalista, a qual reviveu uma espécie de

13 GADDIS, J. *The Landscape of History: How Historians Map the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 9-10; 142-143.

14 GADDIS, J. *The Landscape of History: How Historians Map the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 17.

15 GADDIS, J. *The Landscape of History: How Historians Map the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 41; 49-50. Trata-se de uma formulação análoga ao controverso (entre estudiosos das ciências humanas) projeto intelectual do biólogo e naturalista americano Edward Wilson. Cf. WILSON, E. *Consilience: The Unity of Knowledge*. New York: Alfred E. Knopf, 1998.

16 GADDIS, J. *The Landscape of History: How Historians Map the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 17.

17 Sinteticamente, a Psicologia Evolucionista é uma abordagem teórica para as Ciências Sociais e Naturais que examina a estrutura psicológica humana desde uma perspectiva científico-evolucionista neodarwiniana. GADDIS, J. *The Landscape of History: How Historians Map the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 39-40; 43.

18 KAŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepiscetvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014, p. 94; Cf. MARTIN, L. “Biology, Sociology and the Study of Religion: Two Lectures”. *Religio: revue pro religionistiku*, v. 5, n. 1, p. 21-35, 1997.

19 Apesar da variedade existente de definições possíveis para o termo “religião”, não existe consenso atual para qual conceituação seria a mais apropriada para cobrir, por todo, esse multifacetado e multivariado fenômeno

pseudo-historicismo que salienta a constituição histórico-social das singularidades culturais”. A valer, apesar daquilo que ele acredita ser “seu profundo aspecto [...] filosófico” o autor alega que essa “ênfase pós-estrutural no relativismo cultural seria, simplesmente, uma rememoração ingênua das perspectivas construcionistas do historicismo oitocentista”, a qual (meramente) “negligencia a historicidade das fontes primárias e que, na prática, é orientada por uma ideologia anticientífica e antiteórica que tem fornecido legitimação para a busca acadêmica de interesses religiosos no estudo histórico das religiões”.²⁰ Em suma, Martin constata que, “assim como a ‘virada cultural’ pós-estruturalista, o historicismo alemão foi uma reação contrária ao pensamento iluminista” e que, “assim como na ‘virada cultural’ pós-estruturalista, a perspectiva historicista via a totalidade da realidade como uma corrente histórica na qual instancias distintas nunca poderiam ser comparadas”. Em outras palavras, ambos os casos tratar-se-iam de “matrizes [simplórias] nas quais se assume que os padrões de validade e as categorias lógicas estariam, também, integralmente imersas no fluxo da história”.²¹

Demais variações desse mesmo formato geral de discurso podem ser, diretamente ou indiretamente, resgatadas a partir dos mais de dez anos de publicações contidos no levantamento fornecido por Bynum.²² E, apesar da autora se recusar a conceder com clareza qualquer “juízo de valor” acerca desse padrão inflamado e, à primeira vista, pessimista de (auto)avaliação crítica da historiografia contemporânea, ela, não obstante, alinha-se a uma inesperada apreciação positiva, ao proclamar, após uma leitura inicial da “virada científica”, que

[isso indica que], nas últimas décadas, a pesquisa histórica se tornou mais ampla, mais variada e mais criativa [...]. E isso aconteceu, precisamente, porque os *insights* da ‘virada linguística’ foram absorvidos e utilizados, o que demonstra que tais *insights* coincidem, em grande parte, com aquilo que os historiadores sempre consideraram.²³

cultural. REICH, K. “A Critical View of Cognitive Science’s Attempt to Explain Religion and its Development”. CLARKE, P. (prg.). *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. Oxford: Oxford University Press, p. 280-302, 2009, p. 283. Dessa maneira, o termo (e seus derivados) será, no presente texto, utilizado como uma “categoria radial”, ou seja, motivado por convenções, mas não-previsível a partir de regras bem estabelecidas. LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987, p. 82-83.

20 MARTIN, L. *Deep History, Secular Theory: Historical and Scientific Studies of Religion*. Berlin: de Gruyter, 2014, p. 344.

21 MARTIN, L. *Deep History, Secular Theory: Historical and Scientific Studies of Religion*. Berlin: de Gruyter, 2014, p. 344.

22 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009, p. 77-78.

23 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009, p. 72.

Contudo, embora heurísticamente útil, podemos dizer muito mais acerca desse cenário acadêmico do que, simplesmente, lança-lo à inércia de um grande encadeamento dialético-epistêmico. Mais especificamente, uma série de análises histórico-filosóficas recentes têm nos apontado para o fato de que a “expansão da denominada ‘Grande História/História Profunda’”, o “retorno do recurso a elucidaciones sociobiológicas e cognitivas” e a recorrência de “alegações acerca de uma ‘natureza humana’ perene”, observadas por Bynum dentre as principais tendências historiográficas contemporâneas,²⁴ se encontram alinhadas a um célebre quadro teórico-metodológico interdisciplinar em total consistência com as asserções mais gerais da “virada científica”, tendo inclusive sido concebido, precisamente, para viabilizá-las. Trata-se da ramificação nativista da (já aludida) Psicologia Evolucionista, disciplina integrante das ciências cognitivas e uma das “ciências históricas” enumeradas por Gaddis, cuja associação com a escrita da História se deu, principalmente, por meio da recente popularização da Historiografia Cognitiva — empreitada acadêmica “cujo estabelecimento, no cenário de contestação da ‘virada cultural’, está associado à [supracitada] figura de Luther Martin”.²⁵

Da “virada analítica” no estudo das religiões à Historiografia Cognitiva

Conquanto traços de uma tentativa de “simbiose entre métodos e ferramentas da pesquisa histórica e teorias das ciências cognitivas, objetivando a [...] elucidação e compreensão do comportamento, a comunicação e o pensamento humanos ao longo da história”,²⁶ possam ser localizados na produção historiográfica desde, pelo menos, a chamada “revolução cognitiva”,²⁷ iniciada na década de 1950, e se estendam por quase

24 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009, p. 77-78.

25 KAŠE, V. *Tracing the Origins of Eucharistic Magic: On the Role of Cognitive Attraction in the Cultural Transmission of Collective Rituals*. Helsinki: Helsingin yliopisto, 2019. p. 38; SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021, p. 106. Mais precisamente, o primeiro trabalho a destacar o potencial das (então) emergentes abordagens cognitivas para o estudo do passado histórico foi publicado pelo historiador das religiões Thomas Lawson (Cf. LAWSON, T. “Counterintuitive Notions and the Problem of Transmission: The Relevance of Cognitive Science for the Study of History”. *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, v. 20, n. 3, p. 481-495, 1994), entretanto, Martin é constantemente indicado como o responsável pela gradual integração de abordagens e resultados científico-cognitivos em contribuições teóricas para a prática historiográfica, compondo aquilo que se denomina “Historiografia Cognitiva”. KAŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepiscectvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014, p. 96.

26 DUNÉR, D., AHLBERGER, C. (orgs.). *Cognitive History: Mind, Space, and Time*. Berlin: de Gruyter, 2019, p. VII.

27 Revisão substancial da produção do conhecimento (na época) difundido por áreas tais quais a Psicologia, a Linguística e a Ciência da Computação — e, posteriormente, a Filosofia, a Antropologia e as Neurociências — fundamentando-se na compreensão do funcionamento da mente humana conforme um dispositivo de

toda a abrangência da escrita da História, o desenvolvimento de sua configuração mais célebre e característica, intitulada “Historiografia Cognitiva”, se encontra vinculado ao recorte específico da “virada analítica” no estudo histórico das religiões. Trata-se de um movimento que ressoou por todo o território acadêmico sob influência direta da língua inglesa (mas também, marginalmente, no cenário de reflexão, holandês e alemão), principalmente a partir da rejeição das elaborações veiculadas pela (até então) influente “Escola de Chicago” — a qual, basicamente, havia definido as principais tendências do estudo secular moderno das religiões nos anos iniciais da segunda metade do século XX.²⁸

Sumariamente, a “virada analítica” caracterizou-se pela difusão de uma agenda de pesquisa teórico-metodológica posicionada em explícita contraposição às abordagens essencialistas *sui generis*, tanto para as crenças e condutas religiosas quanto para sua compreensão, conforme foram perpetuadas, entre outros, pelo fenomenólogo romeno Mircea Eliade (1907-1986) e seus partidários.²⁹ De acordo com o sintetizado pelo principal proponente dessa reviravolta, o historiador norte-americano Jonathan Smith (1938-2017): “‘religião’ é apenas um conceito cunhado pela erudição acadêmica [...] para os propósitos analíticos dos estudiosos em seus atos imaginativos de comparação e generalização [...]. E, portanto, ela não possui uma existência independente, fora da Academia”.³⁰ Em outras palavras, para Smith e demais integrantes da “virada analítica”, a categoria “religião” deveria ser compreendida como, primariamente, uma construção heurística utilizada na interpretação de certos tipos de hábitos humanos cotidianos — princípio esse que tornaria a distinção entre construtos sociais e condutas empiricamente manipuláveis uma tarefa imperativa para os estudiosos das religiões.³¹ Outrossim, tal distinção também apontou para o fato de que o estudo secular moderno do “fenômeno religioso”, orientado em grande parte pela análise de fontes históricas, deveria se concentrar em tentar intensificar as tendências metodológicas (já existentes)

processamento de informações.

28 GEERTZ, A. “Long-lost Brothers: On the Co-histories and Interactions Between the Comparative Science of Religion and the Anthropology of Religion”. *Numen*, v. 61, p. 255-280, 2014, p. 259.

29 Trata-se da crítica absoluta ao método fenomenológico-hermenêutico no estudo acadêmico das religiões, a qual, em sua versão mais extremada, repudia a própria existência da disciplina denominada “História da Religião” e qualquer outra “historiografia” influenciada por tal método — incluindo, até mesmo, o caso da distinta *storia delle religioni* italiana. Cf. AMBASCIANO, L. *An Unnatural History of Religions: Academia, Post-truth and the Quest for Scientific Knowledge*. London: Bloomsbury, 2019. Para uma posição contrária a tal rejeição da Escola Italiana de História das Religiões, cf. RENNIE, B. “Raffaele Pettazzoni from the Perspective of the Anglophone Academy”. *Numen*, v. 60, p. 649-675, 2013.

30 SMITH, J. *Imagining Religion: From Babylon to Jonestown*. Chicago: University of Chicago Press, 1988, p. XI.

31 Cf. SMITH, J. *Map is not Territory: Studies in the History of Religions*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

na escrita contemporânea da História e demais disciplinas focadas no trato empírico das culturas, em vez de buscar conceber (paralelamente) uma metodologia própria — conforme era a pretensão da “Escola de Chicago”.³²

Digno de nota, tais considerações são vitais para uma devida compreensão do desenvolvimento inicial da Historiografia Cognitiva, visto que fornecem insights valiosos acerca das mais relevantes circunstâncias históricas em torno de sua expansão. Pois, foi a “virada analítica”, por exemplo, que abriu o espaço para a relativização do conhecimento produzido pelos estudiosos das religiões, o que, em determinados casos, levou a um profundo questionamento acerca da natureza e validade epistêmica de seu próprio campo.³³ Por outro lado, foi precisamente tal ceticismo que possibilitou, em primeiro lugar, a proposta de uma abordagem científico-cognitiva para a análise dos sistemas religiosos, a qual, pelo menos em parte, emergiu a partir da própria crítica da essencialização do conceito de “religião” e de seu estudo, visto que a óptica interna às ciências cognitivas trata as ideias e comportamentos religiosos como subprodutos comuns de nossos processos cognitivos básicos.³⁴ Adicionalmente, o imperativo da “virada analítica” pela distinção entre “construtos sociais e condutas empiricamente manipuláveis” contrabalanceou a preponderância da tendência acadêmica pós-estrutural no cenário anglófono de pesquisa acerca das religiões e levou ao estabelecimento de uma associação profissional de caráter explicitamente empírico-científico, a Associação Norte-americana para o Estudo das Religiões (NAASR) que, graças à ampla presença de historiadores entre seus afiliados, foi capaz de instigar a esfera mais ampla de escrita da História sob influência direta da língua inglesa. Finalmente, mas não menos importante, a NAASR também fundou seu próprio periódico acadêmico, o *Method and Theory in the Study of Religion* (MTSR), o qual foi o principal catalizador da recente proliferação de artigos e livros refletindo uma História das Religiões de carácter naturalista (alguns autores até mesmo utilizam o termo “científico”), crítico-analítico e, exclusivamente, empiricamente orientada — cujos “antecedentes intelectuais” nortearam a idealização e formulação da Historiografia Cognitiva.³⁵

Com efeito, foi envolto por tal conjuntura que, em 1991, em um dos artigos mais repercutidos já publicados pela MTSR, Luther Martin declarou que “[uma] das várias

32 KÁŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepisectvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014, p. 95.

33 Cf. FITZGERALD, T. *The Ideology of Religious Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

34 KÁŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepisectvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014, p. 95.

35 GEERTZ, A. “Long-lost Brothers: On the Co-histories and Interactions Between the Comparative Science of Religion and the Anthropology of Religion”. *Numen*, v. 61, p. 255-280, 2014, p. 260.

ironias inadmissíveis que caracterizam a disciplina moderna conhecida como ‘História da Religião’ é que sua lógica de abordagem passou a designar, para muitos, um método essencialmente a-histórico”,³⁶ uma problemática que, após ser bem recebida pelos demais partidários da “virada analítica”, foi novamente abordada como objeto principal de uma edição monotemática do periódico acadêmico *Historical Reflections/Réflexions Historiques*.³⁷ E, conforme o enfatizado pelo próprio Martin, dez anos depois, a publicação desse volume em especial foi um momento fundamental para a “‘história’ da Historiografia Cognitiva, pois [entre outras alternativas], compreendeu as primeiras obras a apresentar uma tentativa explícita de demonstração do potencial das abordagens científico-cognitivas para o estudo histórico do ‘fenômeno religioso’”.³⁸

A valer, graças à colaboração de um grupo de acadêmicos simpáticos às possibilidades de uma agenda cognitivo-historiográfica, os anos seguintes presenciaram a gradual integração de interpelações científico-cognitivas e descobertas advindas de diferentes “tendências acadêmicas naturalistas” em contribuições teóricas para a pesquisa histórica a respeito das religiões e demais expressões culturais, assim como a coparticipação de cientistas cognitivos, filósofos, antropólogos e historiadores (não apenas de países anglófilos, mas da Dinamarca, Finlândia, República Tcheca e Grécia) em uma série de conferências e simpósios que serviram como base para a publicação de um número expressivo de volumes temáticos e antologias.³⁹ Finalmente, a crescente popularidade dessa corrente específica de interpretação dos benefícios das ciências cognitivas para a História — particularmente entre historiadores da ciência e das religiões antigas e medievais — culminou, na virada do novo milênio, em sua formalização sob o rótulo de “Historiografia Cognitiva”, com o resultado aparente mais recente de tal pauta teórico-metodológica sendo a criação, em 2014, do *Journal of Cognitive Historiography*.

36 MARTIN, L. “Recent Historiography and the History of Religions: an Appreciative Response to Arthur McCalla”. *Method and Theory in the Study of Religion*, v. 3, n. 1, p. 115-120, 1991, p. 115.

37 Cf. MARTIN, L. “Introduction”. *Historical Reflections/Réflexions Historiques*, v. 20, n. 3, p. 335-336, 1994.

38 MARTIN, L. “Ritual Competence and Mithraic Ritual”. LIGHT, T., WILSON, B. (orgs.). *Religion as Human Capacity: A Festschrift in Honor of E. Thomas Lawson*. Leiden: Brill, p. 245-264, 2004, p. 245.

39 Cf. MARTIN, L., WHITEHOUSE, H. (orgs.). *Theorizing Religions Past: Archaeology, History, and Cognition*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004; MARTIN, L., PACHIS, P. (orgs.). *Imagistic Traditions in the Graeco-Roman World: A Cognitive Modeling of History of Religious Research*. Thessaloniki: Vaniyas Press, 2009; MARTIN, L., SØRENSEN, J. (orgs.). *Past Minds: Studies in Cognitive Historiography*. London: Equinox, 2011.

A Historiografia Cognitiva entre a “instrução” e a “naturalização” da História

Grosso modo, de acordo com o historiador checo Vojtěch Kaše, durante toda a sua primeira década de existência (e, portanto, imediatamente antecedendo a aurora da “virada científica”), o projeto cognitivo-historiográfico, sob forte influência da orientação empírico-analítica de seus “antepassados intelectuais”, distanciou-se expressivamente da predileção cultural-antropológica pelo estudo de contingências sincrônicas e variações diacrônicas (centrais à “virada cultural”), optando, por sua vez, pelo alinhamento à perspectiva cognitivo-antropológica contrastante, a qual via a variabilidade cultural humana como o subproduto de constantes biológicas (ou bioculturais) universais a todos os indivíduos de nossa espécie.⁴⁰ Como resultado, aquilo que, posteriormente, passaria a ser conhecido como “Historiografia Cognitiva” tornou-se sinônimo de uma abordagem primariamente teórica, generalizante e macrométrica da história, aplicando teorizações advindas da Antropologia Cognitiva (a qual, na época, já integrava as ciências cognitivas) e fundamentando-se nas bases biológicas de nossa vivência como forma de sustentar a alegação da existência de estruturas cognitivas compartilhadas e evolutivamente estabelecidas, subjacentes às concepções e condutas macro-históricas humanas, tanto presentes quanto passadas — em uma reinterpretação cognitivo-antropológica do apelo de historiadores das mentalidades às correntes estrutural e biológica da Antropologia Cultural.⁴¹

Apesar das deficiências inerentes a essa forma de abordagem, dadas as complexidades envolvidas no trato de padrões culturais coletivos como impelidos por subsistemas homogêneos de crenças e ideias e sua concepção evolucionista (simplista) de dinâmica cultural, o amadurecimento da Historiografia Cognitiva pôde, não obstante, apoiar-se e (de certa forma) desenvolver parte da antiga tradição já estabelecida pela *histoire des mentalités*, conforme um estudo histórico da cultura e do pensamento humanos focado em fenômenos populacionais observados sob uma escala gigascópica — ou seja, processos que se estendem por, pelo menos, várias décadas e que se referem a milhares ou, até mesmo, milhões de indivíduos.⁴² E, ecoando a declaração de Martin de que “as abordagens para a análise do passado histórico baseadas em teorizações científico-cognitivas não podem, e não devem, substituir os métodos

40 KAŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepisectvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014, p. 97.

41 SJÖBLOM, T. “‘Bringing it all back home’: mentalities, models and the historical study of religions”. *Scripta Instituti Donneriani Aboensis*, v. 17, n. 1, p. 227-242, 1999, p. 234.

42 Cf. SJÖBLOM, T. “‘Bringing it all back home’: mentalities, models and the historical study of religions”. *Scripta Instituti Donneriani Aboensis*, v. 17, n. 1, p. 227-242, 1999; KAŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepisectvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014.

especializados tradicionalmente utilizados pela História”,⁴³ tal alinhamento permitiu que historiadores das mentalidades permanecessem em seus próprios projetos habituais, porém internamente a uma agenda cognitivo-historiográfica, cujo objetivo seria, meramente, tornar a pesquisa histórica a respeito de processos coletivos de longo-prazo menos tendenciosa e melhor instruída nas áreas da cognição e comportamento humanos.⁴⁴ Portanto, nesse primeiro momento, qualquer colaboração entre História e insights científico-naturalistas haveria de se basear, primariamente, em um modelo de oferta e demanda, no qual evidências das ciências cognitivas, embora centrais, seriam apenas uma das fontes a melhor capacitar as compreensões historiográficas.

De fato, tal disposição parece ser, precisamente, o que levou Bynum à sua (anteriormente discutida) avaliação otimista da “virada científica”. Pois, sinteticamente, conforme a autora argumenta em sua conclusão, criticando aqueles que procuram interpretar tal “reviravolta” como uma “substituição do histórico pelo biológico”:

nas mãos da maioria dos historiadores profissionais, mesmo as ciências cognitivas e paralelos advindos [...] da Etologia (comportamento animal) tendem a ser utilizados de forma análoga, em vez de redutora [...]. Estruturas cognitivas repousam nas profundezas de nossas mentes e, conseqüentemente, são acessadas apenas por meio de comportamentos que diferem culturalmente; analogias são exatamente isso: analogias, mas não equações. Até mesmo uma “História Profunda”, quando bem executada, envolve a compreensão de que nossos alicerces físicos ou fisiológicos serão sempre mediados pelos modos por meio dos quais os concebemos e, portanto, pela cultura.⁴⁵

Por meio de tal óptica, Bynum consegue compreender, saudosamente, o cenário da escrita da História por ela observado como uma reafirmação da teoria cultural conforme ela é tradicionalmente aplicada e, com isso, desconsidera qualquer indagação acerca de uma possível “naturalização” da disciplina. Ou seja, consoante uma de suas

43 MARTIN, L. “The Promise of Cognitive Science for the Study of Early Christianity”. LUOMANEN, P., PYYSIÉINEN, I., URO, R. (orgs.). *Explaining Christian Origins and Early Judaism: Contributions from Cognitive and Social Science*. Leiden: Brill, p. 37-56, 2007, p. 51. Sinteticamente, a proposta geral de Martin, de um “modelo científico-social cognitivamente alicerçado para a pesquisa histórica”, adverte-nos, categoricamente, que um estudo histórico “científico e rigoroso” das crenças e comportamentos religiosos e demais complexos culturais, com suas relações explícitas/implícitas e convenções de poder social, não implica a exclusão do (benéfico) uso judicioso da “caixa de ferramentas” pós-estrutural. MARTIN, L. *Deep History, Secular Theory: Historical and Scientific Studies of Religion*. Berlin: de Gruyter, 2014, p. 273.

44 Cf. SJÖBLOM, T. “‘Bringing it all back home’: mentalities, models and the historical study of religions”. *Scripta Instituti Donneriani Aboensis*, v. 17, n. 1, p. 227-242, 1999.

45 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009, p. 78.

constatações finais: “a atual temática do ‘científico-empírico’ não estaria além da ‘virada cultural’ [mas] é apenas parte dela”.⁴⁶

Entretanto, o recorte temporal considerado por Bynum se encerra em um período imediatamente posterior ao (supracitado) estágio inicial da “história” da Historiografia Cognitiva. E, embora o escopo temático do relato da autora não se limite à agenda cognitivo-historiográfica, em vista de sua influência e a complexidade do contexto em questão, torna-se difícil deixar de notar o quão, na melhor das hipóteses, simplista é sua avaliação (e, na pior delas, o quão defasada ela é), principalmente quando comparada ao (já aludido) conjunto de recentes leituras histórico-filosóficas — as quais intentam avaliar essa mesma conjuntura, porém de maneira mais aprofundada e centrada no projeto cognitivo-historiográfico. De fato, aquilo que o diagnóstico de Bynum parece não apreender, e que as análises supramencionadas destacam categoricamente, é que, “após o limiar do novo milênio”, o surgimento de uma tendência experimentalista para o estudo cognitivo dos fenômenos humanos fez com que muitos na Antropologia Cognitiva comesçassem a se desviar de seus questionamentos teóricos anteriores, acerca da transformação e estabilidade dos processos culturais de longo prazo, passando a concentrar sua atenção, “cada vez mais, em experimentos psicológico-evolucionistas”. E essa “mudança de humor” significou que, basicamente, “quase todo o conhecimento teórico que originalmente foi (e, na época, era) a maior inspiração para o projeto cognitivo-historiográfico acabasse por ser relegado”.⁴⁷ E, efetivamente, tudo indica que a omissão ou desconsideração de tais informações, simplesmente, condena o panorama de Bynum a uma percepção enganosa daquilo que a “virada científica” representaria para o cenário contemporâneo de escrita da História.

Afinal, conforme o pormenorizado por Kaše, na busca pela manutenção de seu ímpeto científico-empírico característico, e talvez alheias às implicações dessa acentuada transformação, parte das produções atuais em Historiografia Cognitiva segue, contudo, sendo orientada por insights experimentais advindos da Antropologia Cognitiva.⁴⁸ Por exemplo, muitos historiadores associados à NAASR parecem, visivelmente, acreditar “que tal posicionamento seria fundamental para que o [novo] estudo histórico das religiões não se afaste dos objetivos para os quais ele foi originalmente instituído”.⁴⁹ E,

46 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 80.

47 KAŠE, V. “Experimenty dějin: Kognitivní historiografie mezi dějepiscetvím a kognitivní vědou”. *Pantheon*, v. 9, n. 1, p. 93-112, 2014. p. 99.

48 KAŠE, V. *Tracing the Origins of Eucharistic Magic: On the Role of Cognitive Attraction in the Cultural Transmission of Collective Rituals*. Helsinki: Helsingin yliopisto, 2019. p. 44.

49 WIEBE, D. “The ‘Luther (Martin) Effect’ on the study of religion — up to eighty”. *Religio: revue pro religionistiku*, v. 25, n. 1, p. 99-108, 2017. p. 106.

grosso modo, de maneira a manter sua “cientificidade” e alinhar-se a essa tendência experimentalista das ciências cognitivas, a agenda cognitivo-historiográfica contemporânea “consequentemente, tende a abordar o passado como um campo para ‘experimentos naturais’”,⁵⁰ com o sustentáculo de tal empreitada encontrando-se numa suposta continuidade entre as mentalidades históricas e suas correspondentes modernas — a qual seria assegurada pelo recurso (superficialmente aludido por Bynum) à Psicologia Evolucionista e sua noção de “unidade psíquica” do *Homo sapiens*.⁵¹ Em outras palavras, historiadores cognitivos e, potencialmente, todos os demais estudiosos do passado a fomentar suas pesquisas com achados experimentais advindos da Antropologia Cognitiva contemporânea, estariam, diretamente ou indiretamente, certificando a concepção segundo a qual as constatações empíricas relativas ao funcionamento geral da mente humana, realizadas a partir da análise de contextos específicos, seriam, supostamente, prontamente replicáveis em qualquer outra conjuntura cultural do “período histórico”.⁵²

Sob esse (cada vez mais difundido) ponto de vista, embora nunca negadas, a plasticidade observada no desenvolvimento dos indivíduos, a variação intercultural e a variabilidade genética intraespecífica são vistas como vigorosamente restringidas e compelidas por esquemas desenvolvimentais e mecanismos psicológicos inerentes à nossa espécie: “o design subjacente à mente humana é transmitido geneticamente, ao passo que a variação cultural é a [mera] consequência de estímulos experienciais distintos sendo processados por meio desta ‘natureza comum’”.⁵³ E, apesar de atenuar as consequências da mudança histórica, a ideia de uma mente pretérita naturalmente fixada permitiria aos historiadores cognitivos, e muitos dos demais proponentes da “virada científica” na escrita da História, sustentar a possibilidade de sua reconstrução, ou seja: o reestabelecimento racional da provável condição das instituições ou práticas humanas passadas (mesmo na ausência de uma documentação acurada) e, até mesmo a dedução de padrões gerais para a compreensão das vivências políticas e sociais através da história. No presente contexto, então, muito da cooperação existente entre História e ciências cognitivas se resumiria, basicamente, à contribuição dos métodos e resultados

50 SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021. p. 102.

51 A ideia de que o cérebro humano, enquanto infraestrutura biológica, e a mente humana, como sua função, conservam-se virtualmente inalterados desde (pelo menos) o final do Paleolítico. SILVA, T. “Simulando as ‘mentes passadas’: a Historiografia Cognitiva entre a História e as Ciências Cognitivas”. *Temporalidades — Revista de História*, v. 11, n. 3, p. 185-216, 2019b. p. 198.

52 KAŠE, V. *Tracing the Origins of Eucharistic Magic: On the Role of Cognitive Attraction in the Cultural Transmission of Collective Rituals*. Helsinki: Helsingin yliopisto, 2019. p. 40.

53 COSMIDES, L., TOOBY, J. “On the Universality of Human Nature and the Uniqueness of the Individual: The Role of Genetics and Adaptation”. *Journal of Personality*, v. 58, n. 1, p. 17-67, 1990. p. 23.

científicos para o objeto de inquérito historiográfico, e, conforme o mencionado pelo antropólogo grego Dimitris Xygalatas, “a Historiografia Cognitiva torna-se, assim, a mais recente adição a um grupo de áreas interdisciplinares que conciliam tópicos das Ciências Humanas com metodologias e teorizações das Ciências Naturais”.⁵⁴

Digno de nota, não se trata da limitação do papel da História a um banco de dados passivo, entretanto, o status de sua autonomia e jurisdição, com relação ao conhecimento produzido pelas ciências cognitivas, aparenta estar, de certa forma, sendo reduzido pela negação da historicidade de seu material e obscurecido por uma noção um tanto progressista e dicotômica de tal correspondência e de suas respectivas epistemologias.⁵⁵ A título de exemplo, não é incomum encontrarmos, entre os estudiosos envolvidos nesse cenário, invocações para que historiadores passem a “se dedicar seriamente ao discurso [experimental] como uma prática comum [...] caso queiram ter qualquer relevância crítica na Academia contemporânea”, e que a corrente psicológico-evolucionista do estudo científico da mente humana “poderia fornecer, justamente, tal relevância”.⁵⁶ Em poucas palavras, a tendência anterior da “‘adequação’ de teorizações cognitivas aos dados, narrativas e práticas historiografias tradicionais”, a qual Bynum julgou sintetizar os propósitos centrais da “virada científica”, vem sendo progressivamente substituída pelo “uso da História para a validação de hipóteses científico-naturais”,⁵⁷ pois, conforme pode ser ilustrado pelo testemunho de Xygalatas:

Para sobreviver na Academia moderna, [historiadores] precisam conviver com os desenvolvimentos teórico-metodológicos ocorrendo em outras disciplinas e, certamente, com as abordagens científicas para o estudo da natureza humana. O pós-modernismo teve sua vez, mas, em sua obsessão com a desconstrução, esqueceu-se de ser construtivo, deixando de fornecer qualquer contribuição incremental ao nosso conhecimento empírico do mundo.⁵⁸

Longe de ser o fruto ou a absorção da “virada cultural”, a recente reviravolta na Historiografia Cognitiva demonstra que o atual entusiasmo acadêmico pela recorrência

54 XYGALATAS, D. “On the Way Towards a Cognitive Historiography: Are we there yet?” *Journal of Cognitive Historiography*, v. 1, n. 2, p. 193-200, 2014. p. 193.

55 Cf. SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021.

56 FITZHUGH, M., LECKIE, W. “Agency, Postmodernism, and the Causes of Change”. *History and Theory*, v. 40, n. 4, p. 59-81, 2001. p. 62.

57 XYGALATAS, D. “On the Way Towards a Cognitive Historiography: Are we there yet?” *Journal of Cognitive Historiography*, v. 1, n. 2, p. 193-200, 2014. p. 197.

58 XYGALATAS, D. “On the Way Towards a Cognitive Historiography: Are we there yet?” *Journal of Cognitive Historiography*, v. 1, n. 2, p. 193-200, 2014. p. 193-194.

à noção de “estruturas profundas da ‘natureza humana’” e “elucidações sociobiológicas e cognitivas”,⁵⁹ pode estar, na realidade, sugerindo a sua completa rejeição e, em última instância, até mesmo promovendo (propositadamente ou não) um lento processo de “naturalização” da História — conforme a dispersão de parcela da agenda cognitivo-historiográfica vigente sinaliza a transformação do estudo do passado histórico em um “‘laboratório’ para as ciências cognitivas”.⁶⁰

Os perigos potenciais da “ideologia científica” na escrita da História

Não obstante seu parecer positivo da “virada científica”, Bynum acredita que, no período por ela analisado, a escrita da História se encontrava em um cenário crítico, no qual editores estavam, cada vez mais, dispostos a revisar e publicar somente aqueles manuscritos das áreas que acreditavam ser mais vendáveis, e no qual departamentos acadêmicos eram pressionados a investir, progressivamente, na produção daquilo que ela, cinicamente, denominou de “obras que valem, são valorizáveis e que serão valorizadas”.⁶¹ Tratava-se, segundo a autora, de uma conjuntura que não dizia respeito à própria “substância dos estudos históricos”, mas à prática e formação profissional dos historiadores modernos, em uma “crise” que, aparentemente, estava no cerne daquilo que prestigiavam, em si, como integrantes da Academia. O cenário descrito era o de pesquisadores competentes que não conseguiam encontrar emprego em suas áreas de formação porque seus tópicos “não estariam na moda ou seriam atuais o suficiente”, de exortações para que produzissem cada vez mais e em uma velocidade progressivamente maior, ao mesmo tempo em que eram ameaçados pelo decréscimo dos meios qualificados de publicação e pela proliferação de barreiras epistemologicamente irrelevantes ao progresso de suas carreiras.⁶² Ao final de seu panorama, tudo indica que o discurso apocalíptico de Bynum se distanciou da esfera teórico-metodológica, voltando-se para a profissional, e, a valer (longe do surgimento de uma tendência “cientificizante” para o trato do passado), seriam tais tensões profissionais que constituiriam a real ameaça que, na época, afrontava a escrita da História.

59 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 77-78.

60 Cf. SILVA, T. “Simulando as ‘mentes passadas’: a Historiografia Cognitiva entre a História e as Ciências Cognitivas”. *Temporalidades — Revista de História*, v. 11, n. 3, p. 185-216, 2019b.

61 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 73.

62 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 83.

Com efeito, a apreensão exacerbada que se esconde por trás de tal temerosa narrativa, conforme ela ainda se propaga entre os ciclos acadêmicos contemporâneos (não se limitando à esfera anglófona), reside menos em propensões demonstráveis do que em rumores e especulações, mas, acima de tudo, ela se conserva sobre uma evidente coação pelo incremento dos ritmos individuais de publicação, imposta, principalmente, aos historiadores mais jovens. Pressionados pela agilização de sua produção para além daquilo que Bynum julgou “adequado” e de maneiras potencialmente prejudiciais à excelência e, até mesmo, a integridade acadêmica, muitos estudiosos atuais parecem estar se voltando a novos tópicos de pesquisa cuja compreensão e aparente relevância estariam, simplesmente, fora de sua plena competência. Ainda, segundo a autora, o furor por um maior número de publicações poderia levar a História a uma busca frenética por tópicos puramente “vendáveis” e, às vezes, excessivamente generalizantes. Mais perigosamente, isso poderia, possivelmente, implicar a descontinuação da originalidade historiográfica. Afinal, “tal frenesi protela o foco necessário” para o trabalho rigoroso e atento com textos e arquivos (na busca por pesquisas radicalmente singulares),

para a dispendiosa reescrita e reconsideração necessárias à inovação legítima [e, finalmente], pode postergar a exploração e empreendimento intelectuais ao ponto dos historiadores não se recordarem mais daqueles valores que motivaram suas vocações em primeiro lugar.⁶³

Partindo de um panorama mais abrangente (a qual compreende, em seu cerne, o cenário acadêmico nacional), o filósofo brasileiro Vladimir Safatle alega que tal circunstancia seria sintomática de um inequívoco direcionamento generalizado de determinadas disciplinas, ou conjuntos de subdisciplinas, das Ciências Humanas àquilo que o médico e filósofo da ciência Georges Canguilhem (1904-1995), denominou “ideologia científica” — isto é: “o processo pelo qual uma área do saber, em constituição [ou reestruturação], se apoia em áreas relativamente mais reconhecidas e populares, mimetizando seu vocabulário, tópicos e seus métodos na esperança de, com isso, ganhar legitimidade social”.⁶⁴ Para Safatle, na tentativa de subsidiar suas pesquisas, algumas estruturas universitárias contemporâneas estariam, progressivamente, adentrando a um profundo estado de dependência em relação aos regimes político-econômicos que as enquadram, os quais (por questões tanto epistêmicas quanto

63 BYNUM, C. “Perspectives, Connections and Objects: What’s Happening in History Now?”. *Daedalus*, v. 138, n. 1, p. 71-86, 2009. p. 84.

64 SAFATLE, V. “O mal-estar nas Ciências Humanas”. *Cult*, 30 mar. 2010.

mercadológicas) demandariam de tais programas e departamentos um esforço para que “pudessem assegurar a previsibilidade, a quantificação e a mensuração de áreas publicamente mais estimadas, tais como a Matemática e a Biologia”.⁶⁵

Convergentemente, muitos dentre os atuais adeptos da “virada científica” na escrita da História parecem (precisamente) acreditar que a transposição de fronteiras disciplinares e, em parte, a naturalização dos métodos historiográficos, além de fornecerem novos materiais e fascinantes insights, também proporcionariam uma maior respeitabilidade para o campo — principalmente naquilo que tange à sua percepção pública e institucional.⁶⁶ E que, embora essa decorrência não deva ser encarada como o propulsor de tal desenvolvimento, ela poderia instigar novas colaborações, prognósticos e expectativas adicionais para o estudo do passado. Entretanto, o presente texto alega que o exemplo da Historiografia Cognitiva talvez possa ser utilizado como uma justificativa contundente para o tom pessimista dos prognósticos conclusivos de Bynum e Safatle, ao demonstrar que os sacrifícios epistêmicos⁶⁷ envolvidos na manutenção dessa nova disposição historiográfica talvez sejam maiores e mais complexos do que aparentam. Em outras palavras, conforme o preconizado pelo historiador das religiões Joseph Bulbulia e seus colaboradores, muitos na agenda cognitivo-historiográfica vigente estariam, evidentemente, ignorando que, de fato, “embora cálculos e experimentações possam servir de auxílio à pesquisa academia, esses nunca devem ser encarados como substitutos correspondentes à erudição, à apreensão, ao discernimento e ao juízo intelectual dos pesquisadores”.⁶⁸

Mais especificamente, no restante do presente texto, argumentaremos que um aspecto particularmente preocupante de tal displicência pode ser encontrado no viés restritivo e presentista⁶⁹ de grande parcela dos atuais historiadores cognitivos das religiões, em sua tendência pela simplificação excessiva das intrincadas raízes históricas dos eventos culturais por eles analisados, objetivando, assim, o favorecimento de

65 SAFATLE, V. “O mal-estar nas Ciências Humanas”. *Cult*, 30 mar. 2010.

66 XYGALATAS, D. “On the Way Towards a Cognitive Historiography: Are we there yet?”. *Journal of Cognitive Historiography*, v. 1, n. 2, p. 193-200, 2014. p. 193-194.

67 Conforme veremos, naquilo que diz respeito ao processo de renúncia ou desconsideração, durante um engajamento interdisciplinar, de parte do conhecimento produzido por uma das disciplinas envolvidas em prol de uma colaboração assimétrica que, embora circunstancialmente conveniente e academicamente produtiva, na prática, marginaliza a escrita da História, tornando muitos de seus insights algo subserviente ou, pelo menos, minimamente relevante quando confrontados por alegações científico-laboratoriais.

68 BULBULIA, J. et al. “Thin and Thinner: Hypothesis-driven Research and the Study of Humans”. *Numen*, v. 61, nos. 2-3, p. 166-181, 2014. p. 167.

69 Na historiografia, o presentismo é a introdução anacrônica indevida de ideias e perspectivas marcadamente contemporâneas em representações ou interpretações do passado. Internamente ao campo da Psicologia, o presentismo se refere à transposição e aplicação indevidas de padrões mentais e comportamentais presentes na compreensão dos indivíduos pretéritos.

mecanismos cognitivos “inerentes e inatos” que, supostamente, atuariam subjacentemente às crenças e comportamentos religiosos historicamente registrados. Destarte, valendo-nos desse recorte em particular, intentaremos evidenciar como parte da agenda cognitivo-historiográfica vigente tende a desconsiderar o complexo trajeto histórico de seus fenômenos-alvo e marginalizar a construção social e cumulativa dos ambientes culturais que os situam em prol da manutenção de um intercâmbio direto com os achados experimentais da Antropologia Cognitiva contemporânea.⁷⁰

A historiografia contemporânea e os limites do experimentalismo

Devido aos seus potenciais elucidativos, os experimentos são frequentemente considerados a quinta-essência da análise empírica. No entanto, embora possuam, indubitavelmente, inúmeras qualidades, tal avaliação parece estar inadvertidamente fomentando, em meio a um amplo número de historiadores cientificamente orientados, sua consideração como uma metodologia universal, aplicável a todo e qualquer tipo de questão de pesquisa, problema ou enfoque. Por certo, trata-se de uma observação facilmente contestável, afinal, a constatação de que, assim como qualquer outra metodologia específica, experimentos são meramente instrumentos de pesquisa tende a ser óbvia. No entanto, após a “virada científica”, à medida que a abrangência das ciências cognitivas se estende com a recente incorporação de profissionais distintamente instruídos, provenientes da, internamente diversa, disciplina da História, um princípio fulcral aparenta estar passando despercebido: nem toda demanda de pesquisa pode ser respondida por meio de experimentações. Certamente, historiadores podem desviar suas questões de análise e, até mesmo, forçá-las a se encaixar em qualquer método que desejarem, mas, conforme o atual caso da Historiografia Cognitiva ameaça ilustrar, isso implicaria simplesmente perder de vista o que é verdadeiramente relevante: a obtenção de uma resposta objetivamente adequada às suas indagações.⁷¹

Vale a pena notar que, embora não necessariamente uma regra, a maioria das questões levantadas pela historiografia contemporânea pressupõe a análise de casos específicos, ao invés de padrões populacionais gerais — os quais, por sua vez, são imprescindíveis ao interesse dos experimentalistas. E embora ambas essas abordagens

70 AMBASCIANO, L. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017. p. 113.

71 KLOCOVÁ, E. “Experimenting with Cognitive Historiography”. PETERSEN, A. et al. (orgs.). *Evolution, Cognition, and the History of Religion: A New Synthesis*. Leiden: Brill, pp. 348-363, 2019. p. 348.

sejam relevantes e possam fornecer insights valiosos à História (conforme o caso da tradição estabelecida pela *histoire des mentalités* e sua perspectiva gigascópica) é, na prática, a manutenção de sua distinção que atua como sinalizadora da aplicabilidade e utilidade dos métodos ou evidências experimentais como instrumentos de pesquisa. Conquanto, “equilibrando-se sobre a linha tênue” existente entre metodologia e epistemologia, qualquer convicção excessiva na presumida existência de uma estrutura experimentalmente manipulável, estritamente física ou ecológica, subjacente a supostos padrões historicamente recorrentes pode ser enganosa.⁷² Em casos complexos, tais como os compreendidos na escrita da História, com sua heterogeneidade de modelos previsíveis e contingências indetermináveis, apenas a descrição e o acúmulo contínuos do material histórico e, sobretudo, a progressiva descoberta de novos dados podem, efetivamente, deliberar entre duas narrativas hipotéticas concorrentes.⁷³ Outrossim, a historiografia cultural está repleta de conjunturas nas quais as preocupações e contingências individuais são essenciais, e para as quais uma compreensão “dos comportamentos históricos ‘reais’ dos seres humanos [...] muito mais variados, surpreendentes ou, simplesmente, imprevisíveis, do que aquilo que pode ser verificado a partir de um mero teste psicológico laboratorial” é basilar.⁷⁴ Por conseguinte, conclusões experimentais devem, na grande maioria dos casos, ser consideradas mais como indicadores sugestivos do que evidências concretas ou asserções indubitáveis.

Ademais, em conjunto com a cautela necessária em qualquer aplicação de padrões generalizados na análise de particularidades, surge a indispensabilidade de uma avaliação adequada do material histórico disponível e sua compatibilidade com a evidência científica (teoricamente) pertinente. Na historiografia, qualquer estabelecimento de conexões entre tópicos e observações díspares e de caráter ambíguo pode produzir uma brecha epistêmica capaz de ser preenchida com um número quase infinito de opções e iniciativas em relação ao que poderia ser adequado entre tais pontuações — o que, por sua vez, ameaça transformar a disciplina em um campo de especulações idiossincráticas vagamente fundamentadas. Paradoxalmente, então, ao (precipitadamente) tratar o passado meramente como um laboratório (no qual resultados experimentais poderiam ser prontamente justapostos sobre o material

72 Cf. AMBASCIANO, L. “Achilles’ Historiographical Heel, or the Infelicitous Predominance of Experimental Presentism in Ara Norenzayan’s Big Gods”. *SMR*, v. 82, n. 2, p. 1045-1068, 2016.

73 AMBASCIANO, L. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017. p. 117.

74 AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019. p. 20.

histórico) parte da atual agenda cognitivo-historiográfica estaria se afastando do próprio discurso empírico e analítico do qual se originou.⁷⁵

Adicionalmente, além dessas notórias contrariedades metodológicas, a vertente experimentalista da Historiografia Cognitiva contemporânea também pode estar sofrendo com os limites inevitavelmente compreendidos em tal empreitada. Afinal, a verificação de hipóteses modernas ou a aplicação de descobertas cognitivo-comportamentais atuais em indivíduos pretéritos é um procedimento precário para o qual a compreensão de todas as suas prováveis limitações e indeterminações é absolutamente crucial. Por exemplo, faz-se necessária a consideração integral das distinções conhecidas entre as populações nas quais o experimento original foi testado e aquelas nas quais os historiadores estão particularmente interessados, assim como a totalidade das potenciais interferências passíveis de influenciar as variáveis experimentais — algo que, simplesmente, não pode ser deduzido a partir do material histórico ou arqueológico.⁷⁶

Conjuntamente, conforme o anteriormente mencionado, no que diz respeito à teoria, a viabilidade da adoção dos resultados de experimentos psicológicos atuais para o guarnecimento de um entendimento mais profundo das crenças e condutas passadas se fundamenta na tese de que a mente humana moderna é, em grande parte, um resultado adaptativo fixado por pressões evolutivas pré-históricas. Entretanto, independentemente dos exatos períodos temporais mencionados por seus proponentes, tal afirmação pode não ser tão incontroversa quanto o divulgado por grande parte dos constituintes da “virada científica” — embora seu pressuposto geral ainda seja tratado como irrefutável pela perspectiva psicológico-evolucionista atualmente adotada pela Historiografia Cognitiva.⁷⁷ E, embora toda essa discussão esteja muito além dos recursos e objetivos do presente texto, uma questão imprescindível para aqueles historiadores que desejem se respaldar em evidências empíricas e contribuições teóricas de experimentos psicológicos modernos necessita ser respondida: quanto dessa suposta “arquitetura cognitivo-comportamental” historicamente inalterada é de fato relevante para a História e, ainda mais importante, qual é a viabilidade da perpetuação de toda uma complexa agenda historiográfica sobre reivindicações tão contestadas e

75 Cf. SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021.

76 KLOCOVÁ, E. “Experimenting with Cognitive Historiography”. PETERSEN, A. et al. (orgs.). *Evolution, Cognition, and the History of Religion: A New Synthesis*. Leiden: Brill, pp. 348-363, 2019. p. 353.

77 SILVA, T. “Simulando as ‘mentes passadas’: a Historiografia Cognitiva entre a História e as Ciências Cognitivas”. *Temporalidades — Revista de História*, v. 11, n. 3, p. 185-216, 2019b. p. 196-202; SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021. p. 106.

empiricamente ambíguas como essas?⁷⁸ A título de exemplo, a existência de certas diferenças significativas entre indivíduos e conjuntos de indivíduos (assim como entre populações pretéritas e vigentes) é, simplesmente, inegável, e, segundo o próprio discurso psicológico-evolucionista, muitas dentre tais distinções foram estabelecidas por pressões ambientais. Contudo, sem o conhecimento de todas as influências possíveis, as quais provavelmente atuaram sobre tais populações, torna-se impossível estabelecer, na prática, o quão semelhantes as gerações humanas passadas são às modernas naquilo que diz respeito aos aspectos individuais e coletivos relevantes para a escrita da História.⁷⁹

E, de maneira ainda mais inconveniente, esse problemático quadro tende a ser agravado pelo inegável viés das amostragens contemporâneas empregadas como fonte na maioria das evidências experimentais utilizadas pela Historiografia Cognitiva. Pois, o atual cenário das ciências cognitivas carece de pesquisas verdadeiramente transculturais, e o conhecimento acerca de condições e influências distintas daquelas absorvidas pelas (habitualmente estudadas) populações ocidentais, letradas, industrializadas, prósperas e democráticas pode fornecer informações inestimáveis (e até mesmo revolucionárias) acerca dos diferentes contextos cerceando os padrões cognitivo-comportamentais existentes.⁸⁰ E, conforme mencionamos, até mesmo se uma compreensão satisfatoriamente abrangente dos influxos envolvidos em condições ecológicas específicas, contextualizando determinados padrões de crenças e condutas, fosse eventualmente atingida, essas informações só poderiam auxiliar os historiadores na interpelação daquelas amostragens históricas de seu interesse se tais estímulos pudessem ser totalmente rastreados e capturados a partir das fontes de informação existentes acerca dos ambientes pretéritos — uma consideração que está fora de nossa atual abrangência técnica e, também, teórica. Finalmente, futuras análises transculturais também podem gerar o “desfavorável” efeito colateral da exposição de quantas diferenças e nuances cognitivo-comportamentais efetivamente estariam presentes no mundo, e da quantidade excessiva de interferências distintas que, de fato, deveriam ser consideradas em seu estudo. Em outras palavras, sem o conhecimento de todas as pressões e complexidades que, factualmente, atuam sobre e internamente à expressão

78 KLOCOVÁ, E. “Experimenting with Cognitive Historiography”. PETERSEN, A. et al. (orgs.). *Evolution, Cognition, and the History of Religion: A New Synthesis*. Leiden: Brill, pp. 348-363, 2019. p. 355.

79 Cf. AMBASCIANO, L. “Achilles’ Historiographical Heel, or the Infelicitous Predominance of Experimental Presentism in Ara Norenzayan’s Big Gods”. *SMSR*, v. 82, n. 2, p. 1045-1068, 2016; “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017; AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019.

80 SILVA, T. “Simulando as ‘mentes passadas’: a Historiografia Cognitiva entre a História e as Ciências Cognitivas”. *Temporalidades — Revista de História*, v. 11, n. 3, p. 185-216, 2019b. p. 190-194.

fenotípica humana, a validade das inferências realizadas por parte significativa da atual Historiografia Cognitiva — partindo das mentes modernas para as dos indivíduos pretéritos — é fatalmente debilitada pela intransponível barreira da restrição e presentismo psicológico intrínsecos a tal recurso.⁸¹

A Historiografia Cognitiva e a (re)essencialização da “religião”

A fragilidade e potencial nocividade de tal conjuntura podem ser obviadas caso nos voltemos, mesmo que brevemente e superficialmente, ao crescente cenário de críticas acerca do recorte mais profícuo da agenda cognitivo-historiográfica contemporânea: o estudo histórico das crenças e comportamentos religiosos. Aqui, um número expressivo de historiadores e cientistas cognitivos tem alegado que a atual tendência experimentalista tem resultado na desconsideração da historiografia anteriormente publicada, além de uma marcante negligência ou distorção das diferenças socioculturais, variações contextuais e distinções psicológicas históricas, ao processá-las por meio de seu (supracitado) filtro de análise inerentemente restritivo e presentista.⁸² Por conseguinte, tal postura acaba por ignorar, precipitadamente, o papel de quaisquer organizações sociais, culturais e políticas pretéritas, nas quais as crenças e comportamentos religiosos seriam organizados de maneiras distintas daquelas preconizadas pela Antropologia Cognitiva contemporânea. Em outras palavras, tem-se atribuído à parte da “Historiografia Cognitiva da Religião” uma tendência a menosprezar a singularidade das diferenciações societárias passadas (possivelmente surgidas a partir de um acúmulo diacrônico único de interações entre indivíduos e ambientes socioculturais) e acima de tudo, a completa desconsideração da longa e complexa história de emergência e desenvolvimento de seus fenômenos-alvo.⁸³

Ademais, embora não se trate de algo intencionado por seus proponentes, esse preocupante quadro parece apontar para a constatação lógica de que, no atual estado da Historiografia Cognitiva da Religião, a história *stricto sensu* é, paradoxalmente, largamente negligenciada. Mais especificamente, seu trato das crenças e práticas

81 KLOCOVÁ, E. “Experimenting with Cognitive Historiography”. PETERSEN, A. et al. (orgs.). *Evolution, Cognition, and the History of Religion: A New Synthesis*. Leiden: Brill, pp. 348-363, 2019. p. 356; Cf. SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021.

82 AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019. p. 5; 14.

83 AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019.

religiosas, partindo de conclusões experimentais contemporâneas, acaba por ser, inevitavelmente, caracterizado por um foco míope em um conceito essencialista de “religião”, conforme uma ideia platônica e autônoma, isolada de qualquer restrição das realidades políticas humanas, uma concepção que, simplesmente, se contrapõe ao próprio material historiográfico e, até mesmo, ao “consenso acadêmico” interno às ciências cognitivas.⁸⁴ A valer, trata-se de uma orientação que contrasta, inclusive, com a disposição teórica fundacional da agenda cognitivo-historiográfica, a qual buscou contestar, intensamente, o quadro fenomenológico-hermenêutico que outrora caracterizava o estudo histórico das religiões, de maneira a reduzir, “desessencializar” e desconstruir aquilo que se acreditava ser o núcleo essencial e atemporal do “fenômeno religioso” em seus componentes socioculturais básicos.⁸⁵

Logo, o que parece escapar aos historiadores cognitivos de viés experimentalista é o reconhecimento (há muito constatado pela História Cultural) de que aquilo que tornaria determinados sistemas de concepções e comportamentos em “estruturas religiosas” é uma complexa associação de fatores históricos, tais quais o proselitismo, a crença em uma doutrina e a (relativamente coercitiva) institucionalização sócio-política — não existindo nenhuma propriedade *sui generis*, evolutivamente fixada, temporalmente perene e experimentalmente manipulável que os caracterize. Muito pelo contrário, a manutenção da (limitada) perspectiva experimentalista contemporânea na Historiografia Cognitiva ameaça engendrar um processo de “reessencialização” a-cultural e a-histórico do conceito de “religião”, baseado na generalização de condições restritas e especificamente presentes.⁸⁶

Por certo, a adequação desse cenário se torna ainda mais vacilante caso consideremos, em maiores detalhes, o (preocupante) *status quo* vigente no estudo cognitivo das religiões (ou CCR), a principal fonte de achados científico-empíricos a guarnecer a Historiografia Cognitiva da Religião.⁸⁷ Aqui, uma integração efetiva com a historiografia (também) vem sendo dificultada por um gravíssimo desentendimento recíproco e um conhecimento demasiadamente pobre de suas respectivas epistemologias e metodologias disciplinares. A título de exemplo, não é incomum

84 AMBASCIANO, L. “Achilles’ Historiographical Heel, or the Infelicitous Predominance of Experimental Presentism in Ara Norenzayan’s Big Gods”. *SMR*, v. 82, n. 2, p. 1045-1068, 2016. p. 1058.

85 Cf. GEERTZ, A. “Long-lost Brothers: On the Co-histories and Interactions Between the Comparative Science of Religion and the Anthropology of Religion”. *Numen*, v. 61, p. 255-280, 2014.

86 AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019. p. 13.

87 Cf. RIBEIRO, M., FONECA, R., SILVA, T. “Acerca do Modelo Padrão da Ciência Cognitiva da Religião e algumas de suas implicações epistemológicas”. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 10, n. 1, p. 156-182, 2019.

encontrarmos na literatura recente da CCR julgamentos difamatórios ou ingênuos a respeito da suposta impotência da pesquisa historiográfica e, ainda mais surpreendente, ocasionalmente até mesmo uma completa negligência do campo de escrita da História.⁸⁸ Disso, no presente contexto das ciências cognitivas, essas reações aparentam estar, inevitavelmente, resultando em todo um (teoricamente próspero) campo de abordagens latentes para o estudo da “religiosidade humana” que parte, unicamente, de perspectivas psicológicas ou científico-sociais severamente aplainadas por nossa compreensão dos indivíduos contemporâneos, correndo o (já, inúmeras vezes, mencionado) risco de difundir uma perniciosa e limitante falácia presentista.⁸⁹

Ademais, em seu diagnóstico dos desenvolvimentos teórico-metodológicos mais iminentes acerca da interação entre História e CCR, o historiador italiano Leonardo Ambasciano identifica uma, aparentemente promissora, “mudança de paradigma” na presente multiplicação de abordagens focadas em Big Data e bancos de dados digitais dedicados ao teste quantitativo (por cientistas cognitivos) de teorias historiográficas acerca do passado humano.⁹⁰ Contudo, conforme o autor conclui, uma análise mais minuciosa revela que tal movimento tem relegado a historiografia a um papel secundário, a partir do qual os historiadores e suas obras são convocados meramente momentaneamente, unicamente quando seus conhecimentos são julgados necessários — atitude a qual revela a manutenção de uma aproximação tendenciosa e bastante simplista com a história humana e sua compreensão.⁹¹ Mais importante, Ambasciano

88 Cf. SLINGERLAND, E. “Toward a Second Wave of Consilience in the Cognitive Scientific Study of Religion”. *Journal of Cognitive Historiography*, v. 1, n. 1, p. 121-130, 2014; AMBASCIANO, L. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017; “He Who Pays the Piper Calls the Tune: Big Data, Philanthrocapitalism, and the Demise of the Historical Study of Religions”. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 34, n. 1, p. 182-209, 2021.

89 SILVA, T., SANTOS, L. “Ritual, memória e identidade social no mundo greco-romano: um estudo de caso em Historiografia Cognitiva”. DAMIÃO, P. (org.). *Anais da XXXIII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora*. “Representações artísticas brasileiras: do Segundo Reinado à Era Vargas”. Juiz de Fora: UFJF, p. 221-236, 2017a. p. 231; SILVA, T. “Simulando as ‘mentes passadas’: a Historiografia Cognitiva entre a História e as Ciências Cognitivas”. *Temporalidades — Revista de História*, v. 11, n. 3, p. 185-216, 2019b. p. 190-194; Cf. AMBASCIANO, L. “He Who Pays the Piper Calls the Tune: Big Data, Philanthrocapitalism, and the Demise of the Historical Study of Religions”. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 34, n. 1, p. 182-209, 2021; AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. In: *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019; SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021.

90 Cf. AMBASCIANO, L. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017.

91 Cf. AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019; AMBASCIANO, L. “He Who Pays the Piper Calls the Tune: Big Data, Philanthrocapitalism, and the Demise of the Historical Study of Religions”. *Method & Theory in the Study*

julga que tal *modus operandi* tem catalisado a emergência de um quadro científico-cognitivo epistemologicamente vacilante, concernente a toda uma gama de questões negligenciadas, particularmente aquelas relativas aos métodos e teorias utilizados na codificação de dados histórico-arqueológicos. Em suma — e em consonância com aquilo que temos enfatizado no presente texto —, a predominância de tal metodologia na CCR contemporânea (a qual, paradoxalmente e inadvertidamente, vem sendo transposta/espelhada por parte da própria Historiografia Cognitiva da Religião) apenas forneceria um reforço ulterior à impressionante falta de familiaridade de cientistas cognitivos com o atual estado do conhecimento historiográfico, o que (em tese) explicaria sua perturbante despreocupação com questões de diversidade e variabilidade psicológica e obstaculizaria os pesquisadores contemporâneos de abordar corretamente tal tópico no estudo dos contextos culturais religiosos pretéritos.⁹²

Em outras palavras, tais críticas objetivam inferir que, uma abordagem legitimamente historiográfica prenunciaria que aquilo que confere aos sistemas religiosos seu arrebatamento, persuasão ou coerção são suas configurações contextuais únicas. Digno de nota, essas contingências foram historicamente assumidas de maneira idiossincrática por casos específicos de sistematizações geopolíticas e socioculturais, internamente a determinadas estruturas de poder e sistemas de autoridade que, por sua vez, concederam, sugeriram, transmitiram, apoiaram, exploraram e instituíram meta-representações “supra-empíricas” e interpretações coletivamente compartilhadas e hierarquicamente sugeridas de conjuntos intuitivos de condutas e concepções. E, não obstante a perspectiva científico-cognitiva vigente alegue (com certa razão) que tais sistemas talvez compartilhem uma matriz pan-humana, imaginativa, comportamental e cognitivo-social trans-histórica, não existem “primeiros princípios” essenciais e atemporais a serem estipulados experimentalmente e localizados diacronicamente, posto que, pura e simplesmente, sua configuração e desenvolvimento estrutural particulares são o produto da própria história.⁹³

O passado pode nos ser um “território estranho”, mas ao negligenciar o uso coerente da História (uma omissão que também é prejudicial para qualquer perspectiva efetivamente empírica) parte da “Historiografia Cognitiva experimental” corre o risco de tornar esse território distante um ambiente enganosamente familiar. A complexa

of Religion, v. 34, n. 1, p. 182-209, 2021.

92 Cf. AMBASCIANO, L. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017.

93 AMBASCIANO, L., COLEMAN, T. “History as a Canceled Problem? Hilbert Lists, du Bois-Reymond’s Enigmas, and the Scientific Study of Religion”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 87, n. 2, p. 1-35, 2019. p. 12.

relação existente entre nossas concepções e comportamentos (religiosos ou não) é moldada pelas indispensáveis contingências dos ambientes físicos e sociais que nos cerciam.⁹⁴ E isso significa que os “comportamentos históricos reais” dos indivíduos, tais quais as dinâmicas de poder social, as interações transculturais, o compartilhamento generalizado ou localizado de crenças (ou falta delas), as organizações societárias, familiares e sexuais, são muito mais complexos e estão muito além daquilo que atualmente podemos (singularmente) verificar em nossas experimentações científico-cognitivas. Faria algum sentido avaliarmos a totalidade da vivência natural de um animal não-humano exclusivamente por meio da análise de cenas isoladas, observadas em uma jaula de zoológico? Um pesquisador sério se atreveria, por acaso, a limitar diacronicamente toda a gama de respostas comportamentais exibidas por uma determinada espécie, concentrando-se apenas em seu habitat atual, limitado por atividades antropogênicas, e/ou tratando-as como se pudessem ser “fixadas no tempo”? De fato, quando adequadamente compreendidos, experimentos psicológico-evolucionistas podem atuar como uma valiosíssima ferramenta em análises históricas macrométricas ou que levem em consideração o longo desenvolvimento evolutivo dos seres humanos, mas para que não incorram na restritiva falácia presentista que tem acometido parte da Historiografia Cognitiva, devem fazê-lo no contexto de um trabalho verdadeiramente colaborativo, interdisciplinar e complementar entre as ciências cognitivas e a escrita da História.⁹⁵

Em síntese, parece-nos que uma preocupação excessiva com aquilo que acreditam ser sua empiria e cientificidade talvez tenha, surpreendentemente, levado muitos proponentes da “virada científica” a uma historiografia que acaba por não ir muito além da projeção de alguns dados atuais sobre o passado humano, perpetuando, assim, aquilo que talvez seja o equívoco mais anacrônico que um estudioso da história poderia cometer. E, conforme a presente crítica do estudo cognitivo-historiográfico das religiões pode ilustrar, a mera prática de uma interdisciplinaridade e pesquisa historiográfica mais atentas poderia ter levado tais historiadores a uma estrutura muito mais acurada, diversa e rigorosa para o trato de seus fenômenos-alvo.⁹⁶ Afinal, em convergência com as

94 AMBASCIANO, L. “Achilles’ Historiographical Heel, or the Infelicitous Predominance of Experimental Presentism in Ara Norenzayan’s Big Gods”. *SMSR*, v. 82, n. 2, p. 1045-1068, 2016, p. 1062; Cf. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017.

95 AMBASCIANO, L. “Achilles’ Historiographical Heel, or the Infelicitous Predominance of Experimental Presentism in Ara Norenzayan’s Big Gods”. *SMSR*, v. 82, n. 2, p. 1045-1068, 2016. p. 1065; SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021. p. 120-121.

96 AMBASCIANO, L. “Achilles’ Historiographical Heel, or the Infelicitous Predominance of Experimental Presentism in Ara Norenzayan’s Big Gods”. *SMSR*, v. 82, n. 2, p. 1045-1068, 2016. p. 1061.

expectativas de Bynum, essa “falha em potencial” da Historiografia Cognitiva nos remete à máxima do historiador húngaro Angelo Brelich (1914-1977), isto é: “a constatação de que qualquer estudo historiográfico epistemologicamente consistente do ‘fenômeno religioso’ [ou qualquer hábito coletivo, por assim dizer], na prática, há de, simplesmente, se desenvolver em uma historiografia cultural”.⁹⁷

Considerações Finais

Como forma de oferecer um breve panorama crítico da “virada científica” partindo do exemplo da atual Historiografia Cognitiva, o presente texto procurou percorrer, sucintamente, o contexto de disseminação e popularização do discurso experimentalista psicológico-evolucionista internamente à escrita contemporânea da História. Por conseguinte, em um primeiro momento, nosso objetivo foi o de descrever o ambiente de desenvolvimento e recente redirecionamento parcial da agenda cognitivo-historiográfica, na ambição de evidenciar a maneira pela qual sua disposição atual estaria ignorando as complexidades envolvidas no estabelecimento de um diálogo interdisciplinar adequado entre o estudo do passado histórico humano e as Ciências Naturais. Consequentemente, ao final dessa empreitada inicial, oferecemos uma apreciação teórica repreensiva da viabilidade das inferências realizadas por parte da Historiografia Cognitiva contemporânea — um procedimento precário e, em nossa opinião, ainda não totalmente compreendido por seus proponentes — sustentando que, da forma como atualmente se dispõe, tal recurso é fatalmente debilitado por seu escopo demasiadamente restritivo e presentismo psicológico intrínsecos.

Naquilo que se seguiu, nosso foco se voltou à uma brevíssima explicação de como, no contexto ilustrativo do estudo histórico das religiões, tais transposições poderiam implicar a obstrução das metas fundacionais do discurso cognitivo-historiográfico ao, paradoxalmente, legitimar o próprio quadro epistêmico fenomenológico e a-histórico ao qual, a princípio, a Historiografia Cognitiva vigorosamente haveria de se opor. Com tal processo, buscou-se salientar como a desconsideração experimentalista da complexidade histórica e marginalização das particularidades culturais das crenças e condutas religiosas ameaçam afastar grande parte da agenda cognitivo-historiográfica vigente do discurso empírico e analítico do qual ela se originou, a aproximando perigosamente de uma conceituação essencialista, a-cultural e a-histórica (“a-crítica”) de

97 AMBASCIANO, L. *An Unnatural History of Religions: Academia, Post-truth and the Quest for Scientific Knowledge*. London: Bloomsbury, 2019. p. 91.

“religião”, alicerçada na generalização de especificidades notadamente presentes e na desconsideração de uma parcela significativa da escrita da História anterior.

Conclusivamente, faz-se possível manifestar um “parecer provisório” a respeito daquilo que tal “falha em potencial” da Historiografia Cognitiva representaria para o cenário mais amplo da “virada científica” na escrita da História. Em poucos termos, acreditamos ser plausível inferir que o contexto de preocupação excessiva com a percepção político-institucional e legitimação empírico-científica de suas contribuições aparenta estar, surpreendentemente e inadvertidamente, levando muitos historiadores contemporâneos a uma escrita da História excessivamente limitadora, teoricamente anacrônica e metodologicamente presentista, a qual não vai muito além da projeção de um conjunto particular de dados presentes sobre o passado humano.⁹⁸ Nisso, conquanto os sacrifícios epistêmicos envolvidos na manutenção de tal disposição sejam demasiadamente maiores e mais complexos do que aparentam, o mero desvio de seu foco, partindo de questões de validação público-institucional para o (trivial) fomento de uma prática historiográfica e interdisciplinar mais atenta, poderia ter levado tais estudiosos a uma estrutura muito mais acurada, diversa e rigorosa para o trato de seus fenômenos-alvo. Destarte, resta-nos ensinar que a, ainda incipiente, Historiografia Cognitiva nacional — a qual, até o momento, tem se voltado (tão-somente) à defesa de uma maior interdisciplinaridade e benefícios da conscientização científico-cognitiva na escrita da História — percorra uma rota sensivelmente distinta ou, ao menos, mais “prudente”, caso o projeto cognitivo-historiográfico venha a, eventualmente, amadurecer e se difundir por nosso país.⁹⁹

98 Cf. AMBASCIANO, L. “Exiting the Motel of the Mysteries? How Historiographical Floccinaucinihilipilification Is Affecting CSR 2.0”. MARTIN, L., WIEBE, D. (orgs.). *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion after Twenty-five Years*. London: Bloomsbury, p. 107-122, 2017; “He Who Pays the Piper Calls the Tune: Big Data, Philanthrocapitalism, and the Demise of the Historical Study of Religions”. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 34, n. 1, p. 182-209, 2021.

99 Cf. SANTOS, L., SILVA, T. “Ritual, memória e identidade social no mundo greco-romano: um estudo de caso em Historiografia Cognitiva”. DAMIÃO, P. (org.). *Anais da XXXIII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora*. “Representações artísticas brasileiras: do Segundo Reinado à Era Vargas”. Juiz de Fora: UFJF, p. 221-236, 2017a; “Ciências cognitivas, História e o estudo comparativo das religiões: pela definição de um conceito formal e historicamente tangível de ‘religião’”. *Sacrilégens*, v. 14, n. 2, p. 25-44, 2017b; SILVA, T. “Historiografia Cognitiva: por um estudo científico não-reducionista do passado”. SOUSA, A. et al. (orgs.). *Anais Eletrônicos do VII EPHIS - Encontro de Pesquisa em História da UFMG: Diálogos Necessários*. Belo Horizonte: UFMG, p. 999-1007, 2019a; “Os ‘Cultos de Mistério’ e a releitura cognitiva da dinâmica ritual greco-romana”. SOUSA, A. et al. (Orgs.). *Anais Eletrônicos do VII EPHIS - Encontro de Pesquisa em História da UFMG: Diálogos Necessários*. Belo Horizonte: UFMG, p. 616-625, 2019c; SILVA, T., SANTOS, L., VASCONCELOS, M. “O paradoxo da historiografia cognitiva: a ‘virada científica’ na História sob as lentes da epigenética”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, v. 11, p. 88-121, 2021.